

GT 8 – Imperialismo e conflitos internacionais

A dialética da pseudoindustrialização: Milcíades Peña e o desenvolvimento combinado da Argentina

Renato Fernandes¹

Resumo

A questão da industrialização dos países latino-americanos dominou o debate sobre o desenvolvimento no pós-Segunda Guerra. Intelectuais ligados à CEPAL, aos Partidos Comunistas e as correntes nacionalistas apostaram na industrialização com a via para a emancipação nacional. No presente trabalho, analisaremos como o intelectual trotskista Milcíades Peña participou do debate caracterizando o processo de industrialização argentino como *pseudoindustrialização* a partir da análise das transformações nas forças produtivas nacionais e também nas relações de classe.

Introdução

Um dos processos mais importantes na modernização das economias latino-americanas no século XX foi o processo de industrialização. Ele foi diferente em cada um dos países, seja pelos tipos de indústrias que se instalaram, seja pelo ritmo. Porém, em cada um deles houve uma combinação específica entre o processo de modernização e as estruturas agrárias que predominavam em cada um dos países.

No presente trabalho, iremos analisar a interpretação de Milcíades Peña sobre o processo de industrialização da Argentina, principalmente suas elaborações na revista *Fichas de Investigación Económica y Social (Fichas)* publicada entre 1964-1966. A questão que nos guia é compreender, a

¹ Doutor em Ciência Política pela UNICAMP, professor do Centro Paula Souza (SP) e membro do *Laboratório de Pensamento Político (PEPOL)* da UNICAMP. Contato: renato.fernandes16@etec.sp.gov.br.

partir da história intelectual, que tipo de desenvolvimento a industrialização da Argentina conduziu o país: foi um passo no caminho da liberação nacional ou uma nova forma de dependência?

Milcíades Peña (1933-1965) foi um intelectual e militante trotskista argentino. Entre 1948 e 1958, militou na corrente trotskista liderada por Nahuel Moreno (1924-1987). Porém, com algumas diferenças táticas e teóricas da política da organização, rompeu e começou um projeto intelectual independente que passou por diversas revistas da *Nueva Izquierda* argentina até começar a publicar *Fichas*. Apesar de ser um projeto coletivo, Peña foi o principal intelectual do projeto, dirigindo as pesquisas e organizando a revista para a publicação (SCHVARZER, s/d, p. 2).

A maioria dos escritos de Peña ficaram sem publicação em vida, como o seu livro *Industrialización e imperialismo*, que nunca foi publicado, e sua *Historia del pueblo argentino* – publicada nos anos 1970 em seis volumes e que apenas em 2012 contou com uma edição integral. Nesse sentido, a revista *Fichas* foi a principal publicação em vida dos escritos do autor. Elas tiveram um impacto importante na esquerda argentina dos anos 1960 que se renovava, afastando-se um pouco do peronismo e do comunismo de matriz stalinista. Porém, seu reconhecimento na época foi apenas marginal e somente anos depois, com a recuperação realizada por Horacio Tarcus (1996), com a publicação de *História* (2012) e depois com a edição fac-símile da revista *Fichas* organizada pela *Biblioteca Nacional* (2014), Peña voltou a ser um intelectual de importância no debate sobre a industrialização e a história argentina.

Esse trabalho faz parte da minha tese de doutorado, *O desenvolvimento combinado na Argentina: Milcíades Peña e a questão nacional* (2019). Nela analisei a trajetória intelectual de Peña e os outros escritos sobre o tema da industrialização, publicados na revista *Estratégia* (1957-1958), no livro de Silvio Frondizi, *La realidad argentina* (1955), e também em seus escritos inéditos que se encontram nos arquivos do autor no CeDInCi (Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas).

Industrialização e pseudoindustrialização

A revista *Fichas* teve dez números publicados. Ela era uma revista diferenciada de outras revistas marxistas: apesar de trazer temas gerais do marxismo, traduções, recomendações dos

livros etc., seus principais textos eram dedicados a compreender a realidade nacional argentina. E foi Peña, entre todos os militantes e intelectuais que faziam parte do projeto da revista, quem escreveu ou pelo menos deu a redação final a esses artigos.

Em relação ao processo de industrialização, dois números de *Fichas* foram fundamentais: o primeiro e o quarto. Em relação a esse processo, o primeiro número, intitulado *La evolución industrial y la clase empresaria argentina*, combinava textos inéditos com textos reescritos. Entre os inéditos estavam *Crecimiento (1935-1946) y Estancamiento (1947-1963) de la Producción Industrial Argentina e Energía, Mecanización e Ineficiencia en la Industria Argentina*. Na revista *Estratégia* nº 2 (1958), Peña havia escrito *El imperialismo y la industrialización argentina*. Nesse número de *Fichas*, ele dividiu o artigo em dois: o primeiro intitulado *Industrialización, Pseudoindustrialización y Desarrollo Combinado* e o segundo *Imperialismo e Industrialización de los Países Atrasados* – estranhamente, ele só indicou o primeiro texto como reescrito, porém é perceptível a repetição de subtítulos e parágrafos inteiros nesse segundo artigo. Apesar de serem reescritos, houve a incorporação de novos dados, de tabelas etc., que confirmavam as teses já elaboradas. Uma das características importantes desses artigos sobre industrialização, foi a utilização de um farto material empírico para comprovar suas teses da dinâmica do capitalismo na Argentina dependente.

Para Peña, o processo de desenvolvimento capitalista se confundia com o processo de industrialização (1957, p. 47–48, 1964b, p. 33–34), isto é, há uma identidade entre o desenvolvimento de um e outro, pois a indústria é a característica central do modo capitalista de produção. Assim, a definição da industrialização é justamente a definição marxiana do desenvolvimento da composição orgânica do capital, isto é, “*aumento da composição técnica do capital, ou seja, a utilização pela força de trabalho de um número crescente de meios de produção mais e mais eficazes*” (Ibidem). A consequência desse processo era justamente o aumento da produtividade do trabalho e a necessidade de empregar cada vez mais esse capital gerado em equipamentos técnicos mais sofisticados e, nesse sentido, continuar o desenvolvimento do capital orgânico. Por isso, a definição básica de Peña é que a industrialização era um processo de “*produção para a produção*” (Ibidem). Para que todo esse processo seja possível, era necessário que houvesse duas transformações básicas: “*a tecnificação da agricultura*” e “*uma mobilidade cada vez maior de todos os recursos humanos e materiais da nação*” que implicaria em um sistema de transporte e comunicação cada vez

mais amplo e eficaz (Ibidem). Porém, isso só seria possível sob o domínio de classe da burguesia industrial, ou seja, sob a hegemonia de um setor interessado na industrialização. Essa questão da classe dominante, da fração social que domina o país, precede o processo, na verdade ela seria justamente o sujeito que impulsionaria o desenvolvimento capitalista industrial adiante.

Poderíamos resumir a teoria da industrialização de Peña nos seguintes eixos: aumento da composição orgânica do capital; desenvolvimento técnico da agricultura, do transporte, das comunicações; desenvolvimento da indústria de máquinas como eixo da industrialização. Porém, mesmo concebendo todos esses aspectos do desenvolvimento das forças produtivas em determinado país, para Peña, o centro estava em quais classes e relações de propriedade predominavam em determinada formação socioeconômica. Essa pergunta, de fundo, não era nada mais do que uma passagem do problema das forças produtivas para o problema das relações de produção e, em última instância, para as relações de classe que predominam no país.

Considerando isso, o problema fundamental da industrialização era compreender quais as relações de classe que dominam o país: quais interesses de classe são hegemônicos e controlam o Estado? Por isso, por mais que a interpretação de Peña esteja associada com a análise técnica de dados econômicos, como veremos, o fundamento da sua teoria são as relações de classe. Há uma primazia teórica na perspectiva de Peña das relações de produção (e no interior dela, das relações de classe) sobre as forças produtivas no processo de desenvolvimento capitalista.

A tese básica de Peña a partir dessa perspectiva teórica, era de que os países atrasados só podem chegar a desenvolver um processo de *pseudoindustrialização*, pois as classes dominantes desses países assentam seu domínio justamente em relações de propriedade não-industriais, mas sob relações agrárias como o latifúndio na Argentina, que representava a “coluna vertebral do atraso” do país (PEÑA, 1964b, p. 43).

Porém, quais eram as características dessa *pseudoindustrialização*? De acordo com Peña, a principal característica era um processo no qual a presença das indústrias cresce sem alterar a estrutura de atraso do país, isto é, mantendo intactas as relações de propriedade e de classes anteriores a esse processo. É por isso que Peña afirma que a “pseudoindustrialização não subverte a velha estrutura, mas se **insere** nela” (1964b, p. 35. Grifos do autor). Este processo tem cinco características centrais que se articulam: a) não aumenta a composição técnica do capital social,

baseando-se no aumento da mão de obra e no esgotamento das instalações disponíveis; b) não se desenvolve plenamente indústrias de base; c) a produtividade do trabalho não aumenta significativamente, predominando a pequena produção; d) as indústrias têm como centro a produção de artigos de consumo; e) a agricultura não se industrializa (ibidem).

É com essa tese básica, que já havia sido desenvolvida também em seus artigos anteriores, que devemos analisar as elaborações contidas em *Fichas sobre industrialização*. A novidade do artigo que abre o primeiro número, *Crecimiento y Estancamiento*, consiste em estabelecer critérios e fases para pensar a industrialização argentina. Para Peña, entre 1937-1962, ocorreram três fases na expansão industrial argentina: “uma primeira etapa de vertiginosa expansão (1937-46); outra de relativo estancamento (1946-54) e uma última de declínio (1954-62)” (PEÑA, 1964, p. 7). Para chegar a essas tendências, Peña utiliza diversos dados (ocupação, produção industrial, investimento etc.). Sobre a ocupação industrial, por exemplo, entre 1937-46, a produção aumentou 46%, enquanto entre 1946-54, esse aumento foi de apenas 17% - entre 1954-62, esse número caiu ainda mais (Ibidem, p. 8).

Porém, de todos os dados analisados e comparações realizadas por Peña, duas conclusões dele são consideradas mais importantes. Para ele, elas são “conclusões opostas por completo às ideais predominantes em diversos grupos intelectuais”:

La **primera** es que uno de los períodos de más fuerte ascenso de nuestra evolución industrial se produjo durante los gobiernos conservadores, a partir, aproximadamente, del año 1935. (...) La **segunda** conclusión que se desprende es el estancamiento de la industria en la postguerra. ¿Qué el peronismo favoreció a los industriales? Habrá sido inflando el monto de sus ganancias. Pero la producción industrial permaneció rigurosamente detenida en su crecimiento. (Ibidem, p. 8-9. Grifos do autor)

A análise tem como alvo direto Jorge Abelardo Ramos, da *Izquierda Nacional*, que considerava que o peronismo girou todos os seus recursos para a industrialização. No entanto, ela poderia ser direcionada para muitos outros teóricos e economistas, como o cepalista Raúl Prebisch (que é citado no artigo) ou o comunista Rodolfo Puiggrós, entre outros.

Para Peña, a industrialização peronista foi uma industrialização “semiartesanal”, pois apesar de aumentar o número de indústrias (entre 1950-54 aumentou 63% o número de estabelecimentos

industriais), a produção industrial cresceu menos de 1% (Ibidem, p. 11). Dessa maneira, o aumento do número de indústrias durante o peronismo (fenômeno real), não alterou de conjunto a produção industrial, já que ela estava concentrada nas grandes indústrias. Por isso, Peña afirmou que o “crescimento da indústria argentina se produz sobre dois polos: por um lado, estabelecimentos gigantes que concentram a produção; por outro, grande número de pequenas oficinas com baixa produtividade” (Ibidem).

Contudo, outro dado importante da industrialização peronista é que mesmo que a produção industrial estivesse estancada, houve um aumento do número de operários empregados nas fábricas. Em outras palavras, durante os governos peronistas, mais trabalhadores estiveram empregados do que nos governos anteriores. O cruzamento entre esses dados: o aumento da produção ficou abaixo do crescimento do número de operários ocupados e do de estabelecimentos industriais novos. Nesse sentido, a industrialização peronista foi na verdade um crescimento do emprego industrial e da quantidade de indústrias, mas não da produção industrial – que cresceu em ritmo mais lento que os dois primeiros.

Além disso, na produção industrial total, o peso dos estabelecimentos mais antigos ainda eram altos. De acordo com Peña, em 1954, 54% da produção industrial estava concentrada em indústrias fundadas antes de 1935, representando apenas 21,2% dos estabelecimentos industriais e ocupando 47,8% da mão de obra operária (Ibidem, p. 22). O problema central para Peña era a questão da produtividade por operário na indústria.

Um outro dado interessante analisado por Peña era o peso de cada ramo industrial na Argentina. Em 1954, as principais indústrias, comparando o valor de produção, estavam ligadas ao ramo alimentício e de confecção (47,9%), enquanto setores como o de Petróleo e Carvão (3,8%), Extrativos (1,7%), Eletricidade e Gás (2,1%) e Química (6,7%) tinham um peso reduzido na economia do país. Já outro setor que ele considerou importante para pensar a industrialização do país, o setor de Metais (8,6%) e o de Veículos e Maquinarias (11,4%), apesar de terem subido sua participação na renda industrial, possuíam uma maior participação na mão de obra (ocupando 27,7% de operários) do que na renda (Ibidem, p. 14).

Esse estudo empírico foi acompanhado por uma investigação sobre a energia e mecanização da indústria argentina. Em outro artigo presente na revista, Peña utilizou a comparação entre a

capacidade elétrica do país e seu desenvolvimento com outros países de industrialização já avançada, principalmente EUA e Inglaterra. Ao analisar o processo de industrialização, chegou à conclusão de que a maior parte da indústria argentina se baseou não na utilização e ampliação da rede elétrica, mas na utilização de geradores e de combustíveis fósseis (Idem, 1964a, p. 24).

Outro processo relevante era a questão do maquinário. Com os dados obtidos a partir de diversas fontes, Peña considerou que entre o período de 1937-1955, a indústria tinha dobrado o número de operários e triplicado a maquinaria instalada, porém a produção industrial não chegou a duplicar-se (Ibidem, p. 28). Daí a conclusão da ineficiência e do estancamento industrial argentino. O gráfico final publicado no artigo pode resumir essa situação.

Conforme podemos observar, tomando como índice 100 em 1937, somente a produção por operário, a produtividade, não aumentou em 1954. A energia consumida, o número de operários, a produção e o grau de motorização (nível de eletromecanização da indústria) subiram no período considerado.

Contudo, por que a produtividade era importante para pensar a industrialização? Para Peña não só é importante, como era o elemento central da medida da industrialização, pois ela nada mais é do que o aumento da composição orgânica do capital, já que o crescimento da produtividade significaria “aumento na quantidade de bens produzidos no mesmo tempo de trabalho e com igual esforço por parte do operário” (Idem, 1964b, p. 34). Assim, a industrialização peronista não era plena, mas um processo de *pseudoindustrialização*.

Capital nacional e imperialismo

Um segundo problema na questão da industrialização estava na relação entre o capital nacional e o capital imperialista. Em determinado sentido, esse é um processo de análise de classes

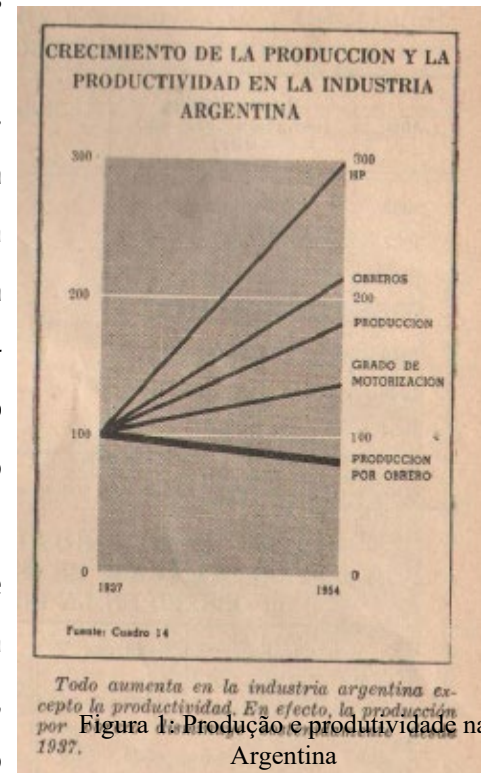


Figura 1: Produção e produtividade na Argentina

sociais, já que o capital aplicado se relaciona com a questão da burguesia imperialista e da nacional, porém, essa se expressa em número de propriedades e de investimentos que nos interessa colocar aqui para refletir o problema da propriedade industrial.

Num artigo intitulado *Significación del capital internacional en la industria argentina: el capital norteamericano*, Peña analisou o peso destes investimentos. A primeira questão está na diferenciação entre dois tipos de exportação de capital (que é a principal característica da fase imperialista): o investido no capital produtor de juros (Carteira) e o investido no capital produtor de lucros (Investimento Direto). Dentre aqueles que têm investimentos estrangeiros diretos, Peña afirmou que eles têm a preferência “pelos indústrias que produzem para o mercado interno”, com a magnífica taxa de 99,8% localizada nesse setor na Argentina em 1959 (PEÑA, 1964 c, p. 58).

Investigar a importância do capital estrangeiro na indústria nacional tem suas dificuldades particulares, pois não é fácil determinar a nacionalidade de uma empresa. Muitas das empresas com registro nacional argentino, muitas vezes são controladas por capitais estrangeiros. Por isso, Peña assume como critério que não se pode levar em conta apenas a **propriedade**, mas também o **controle** sobre a empresa. E nesse sentido, era necessário investigar as estruturas de cada empresa para determinar qual a sua nacionalidade (Ibidem, p. 59).

Um primeiro dado levantado por Peña, é que com exceção dos frigoríficos (ramo importante da indústria argentina), as empresas estadunidenses preferem os ramos que apresentam maior índice de crescimento: Química, Farmácia, Veículos e Maquinarias e Aparelhos Elétricos. Em relação à participação, as indústrias automobilísticas (28,2%) e os frigoríficos (22,2%) são as que detinham o maior nível de comercialização entre as indústrias estadunidenses na Argentina e também as que mais empregavam (20,2% e 20,4% respectivamente).

Com relação à origem, Peña fez uma comparação entre os dados que estava trabalhando, de 1961, e a análise de Dorfman de 1942², e concluiu:

Las cifras señaladas evidencian que las empresas norteamericanas se han radicado en el país en la década del treinta y a veces antes, desde entonces se desarrollaron de acuerdo a las posibilidades del mercado, participando activamente en el crecimiento industrial del país. En los años que con mayor evidencia se patentizó el dominio inglés en la Argentina a través de los pactos Roca-Runciman y siguientes, se

² DORFMAN, Adolfo. *Evolución industrial argentina*. Buenos Aires: Losada, 1942.

estaban creando las bases para el actual control norteamericano de la economía del país. Desde hace tres décadas todo crecimiento de la industria se produjo juntamente con una mayor participación estadounidense³. (Ibidem, p. 64)

Sobre essa inserção, Peña destacou que o “fenômeno mais importante provocado pelo investimento norte americano é o desenvolvimento da indústria automotriz, que se transformou em poucos anos no eixo da indústria metalúrgica” (Ibidem, p. 65).

A partir de todos esses dados, Peña realizou uma crítica a dois setores intelectuais. O primeiro era o setor desenvolvimentista, ao qual Peña traz para o debate o ex-presidente da República Arturo Frondizi. O segundo setor foi o *Partido Comunista Argentino*, na figura do intelectual e dirigente Jaime Fuchs. Para Peña, apesar de localizações políticas diferentes, os dois autores defendiam que “o imperialismo se contrapunha ao crescimento do mercado interno e ao desenvolvimento da indústria dos países atrasados”. Pois, de acordo com esses teóricos, as “grandes potências estariam interessadas em reduzir os países coloniais e semicoloniais a simples fontes de matérias primas que uma vez processados nas metrópoles se exportariam para a periferia agrária” (Ibidem, p. 67). Nesse sentido, qualquer desenvolvimento industrial e do mercado interno seria um avanço nacional e anti-imperialista.

Os números analisados por Peña demonstravam outra realidade. De acordo com ele, “trabalham para o mercado interno 93,5% das empresas industriais norte-americanas instaladas no país”, sendo os frigoríficos a principal exceção, ainda que 50% de sua produção fique na Argentina (Ibidem, p. 69)⁴.

A conclusão do artigo de Peña procurou aprofundar essa não contradição entre os investimentos diretos estadunidenses e o processo de *pseudoindustrialização* argentino. Nenhuma das grandes indústrias estadunidenses que necessitavam exportar capitais⁵ se prejudicaram com a instalação dessas indústrias nos países atrasados, pois essas são indústrias que “crescem

³ Entre 1929-1955, ocorreu um processo de *cambio de metrópole*, isto é, a substituição do imperialismo inglês pelo estadunidense na Argentina. A indústria foi uma peça-chave desse processo.

⁴ Peña compara esses dados obtidos por ele em 1961, da Câmara de Comércio Norte-americana na Argentina, com um estudo publicado pela Secretaria de Comércio dos Estados Unidos em 1957. Neste último, a produção industrial estadunidense para o mercado interno era de 88%. Esta taxa era muito mais alta do que a média para a América Latina que era de 55% (PEÑA, 1964 j, p. 69).

⁵ Peña cita aqui a de maquinárias, automóveis e equipamentos elétricos.

constantemente com o desenvolvimento industrial dos países atrasados” (Ibidem, p. 71), isto é, indústrias para as quais o processo de pseudoindustrialização aumenta a demanda dela na metrópole imperialista. Ao contrário do antagonismo, o que Peña enxerga nesse processo é a simbiose de interesses entre a burguesia nacional e a imperialista⁶.

Considerações finais

Na contramão das teses predominantes na esquerda da época, a comunista de matriz stalinista e a nacionalista, Peña analisou o processo de industrialização da Argentina não como uma forma de desenvolvimento e emancipação econômica, mas como um processo de reforço da dependência do país em relação ao imperialismo.

O centro da sua análise esteve nas limitações estruturais que estavam impostas às classes dominantes do país: uma classe dominante com laços fortes com o latifúndio e subordinada ao investimento imperialista, não tinha condições de efetivar uma política industrial soberana, apenas uma industrialização dependente.

O processo de crescimento industrial, ao inserir indústrias em relações sociais capitalistas atrasadas, ao invés de produzir a superação do atraso, combinou-se a ele, estimulando-o. É nesse sentido que falamos de *dialética da pseudoindustrialização*, que nada mais é do que uma dialética da dependência, na qual o desenvolvimento, ao invés de significar emancipação, superação das condições, é um processo de reforço e renovação dos laços de dependência nacional frente ao imperialismo.

Para Peña, a tarefa da industrialização, fundamento do desenvolvimento capitalista, só poderia ser realizada pela classe operária contra o imperialismo e a burguesia nacional. Nesse sentido, em países como a Argentina, a industrialização passou a ser uma das tarefas do programa de revolução nacional que assumiria o caráter combinado entre as tarefas nacionais e democráticas e as tarefas socialistas.

⁶ Peña nunca defendeu a ideia de que havia uma convergência total de interesses entre a burguesia nacional e a imperialista, porém afirmava que essa era a tendência na relação entre as classes (PEÑA, 1957a).

Bibliografia

- FRONDIZI, S. *La realidad argentina*. 2. ed. Buenos Aires: Praxis, 1957, 2 vol.
- PEÑA, M. et Al. *Fichas de Investigación Económica y Social*, Edición Facsimilar, Reediciones Antología. Editorial Biblioteca Nacional. Dos Tomos. Buenos Aires, 2014.
- PEÑA, M. Crecimiento (1935-1946) y Estancamiento (1947-1963) de la Producción Industrial Argentina. *Fichas de investigación económica y social*, v. 1, p. 5–23, abr. 1964.
- PEÑA, M. El imperialismo y la industrialización. *Estrategia*, v. 2, p. 43–93, Diciembre 1957.
- PEÑA, M. Energía, Mecanización e Ineficiencia en la Industria Argentina. *Fichas de investigación económica y social*, v. 1, p. 24–32, abr. 1964a.
- PEÑA, M. *Historia del Pueblo Argentino*. 1. ed. Buenos Aires: Emecé, 2012.
- PEÑA, M. Industrialización, Pseudoindustrialización y Desarrollo Combinado. *Fichas de investigación económica y social*, v. 1, p. 33–44, abr. 1964b.
- PEÑA, M. Rasgos biográficos de la famosa burguesía industrial argentina. *Estrategia de la emancipación nacional*, v. 1, p. 43–80, set. 1957a.
- PEÑA, M. Significación del capital internacional en la industria argentina: El capital norteamericano. *Fichas de investigación económica y social*, v. 2, p. 58–71, jul. 1964c.
- SCHVARZER, J. *Autobiografía*. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://www.jorgeschvarzer.com.ar/pdf/Autobiografia.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017, s/d
- TARCUS, H. *El marxismo olvidado en la Argentina: Silvio Frondizi y Milcíades Peña*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1996.